



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

---

ÁREA TEMÁTICA: Pobreza, Exclusão Social e Políticas Sociais [ST]

---

**PROJETOS DE VIDA LABIRÍNTICOS: UMA OPÇÃO DE VIDA OU UMA VIDA SEM OPÇÃO?**

---

---

VIEIRA, Ricardo

Professor Coordenador Principal, ESECS-IPL, e Investigador Integrado do CICS.NOVA.IPLeiria.

[rvieira@ipleiria.pt](mailto:rvieira@ipleiria.pt)

---

MATIAS, Cátia

Mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social, Instituto Politécnico de Leiria.

[catia.matias@ipleiria.pt](mailto:catia.matias@ipleiria.pt)



### Resumo

Emergem, quotidianamente, novas formas pobreza e a exclusão (re)assume diferentes configurações. As dinâmicas sociais em mutação podem ditar a fragilidade social, a assistência, ou, mesmo, a marginalização social (Paugam,2003:47). O objetivo desta investigação, sobre projetos de vidas labiríntico de indivíduos excluídos pela sociedade, por via de adições (álcool e drogas), trabalhos precários, desemprego, mudanças familiares e sociais, passa pela captação da perspectiva hermenêutica do indivíduo no contexto em que vive e pelo fomentar a autorreflexão, a consciencialização e o redesenho de projetos de vida (Vieira, 2009). Foram utilizadas entrevistas em profundidade e observação direta participante e não participante. Usou-se uma técnica de aproximação ao photovoice (Wang e Burris, 1997). Segundo Vieira, “*as histórias de vida não são mero passado. São processos históricos na verdadeira aceção da palavra*” (Vieira, 2009:16) pelo que compreender a sua perceção do passado, presente e futuro, assume relevante importância para a perceção da construção de um projeto de vida futuro. Ambicionámos conseguir aquilo que, nas palavras de Machado Pais, se traduz como “olhar de frente para o que se olha de lado” (Pais, 2001:241). Pretendíamos perceber como é possível que a rua se metamorfoseie num espaço de trabalho, como nascem estas profissões da rua, que percursos biográficos estarão na base desta opção de vida ou se estas serão vida sem opção. Explorou-se, finalmente, a autorreflexão dos sujeitos e o papel do mediador intercultural cuja intervenção passa pelo empoderamento dos excluídos e pelo auxílio na construção de projetos de vida, como se de um advogado social de tratasse.

### Abstract

Each day new ways of poverty arise, and exclusion assumes new configurations. Social dynamics and their mutations may dictate social fragility, assistance or even social marginalisation (Paugam, 2003:47). The main goal of this research on labyrinthine life projects of individuals who have been excluded from society, due to addiction (alcohol and drugs), precarious employment, unemployment, family and social changes, is to reflect on and capture the individual's hermeneutical perspective in the world that surrounds him. The methodologies used were in-depth interviews, and direct and indirect participant observation. We have used a photovoice approach (Wang and Burris, 1997). According to Vieira, life stories are not a mere past. They are historical processes in the true sense of the word (Vieira, 2009:16). So, comprehending the perception of the past, present and future is crucial to understand the construction of a life project. The objective was to achieve what Machado Pais describes as looking in the eyes what one looks sideways (Pais, 2001:241). It was my intention to understand how street can become a workspace, how these street jobs appear, which biographic courses lead to this life choice or is a life without choice. It is essentially in the pursuit of selfreflection, in questioning, that the mediator may intervene and help in the construction of life projects, as a social advocate.

**Palavras-chave:** Exclusão social, inclusão, intervenção social mediadora, mediação intercultural, pobreza.

**Keywords:** Social exclusion, inclusion, mediating social intervention, intercultural mediation, poverty.

[COM0718]



## Introdução

Na sociedade contemporânea ocidental é praticamente impossível que os projetos de vida das crianças, adolescentes e jovens não passem por um investimento na escola vista como um passaporte para a mobilidade social ascendente. A escola só para alguns se aproximou da retórica de uma “escola para todos”, desejavelmente mais inclusiva. Efetivamente, por detrás dessa pretensa inclusão social, há efeitos perversos e condicionantes vários que levam ao insucesso, abandono escolar e à exclusão social. (Canário, Alves e Rolo, 2001 citado por Vieira A. 2013:77-78).

Este discurso tornou-se mais evidente após a declaração de Salamanca que põe a tónica na educação inclusiva e que leva à dita “*escola para todos*”. Esta visão da escola para o século XXI assenta nos 4 pilares para a educação, propostos pela Unesco (1996): aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos (Vieira, A. 2013: 66).

De forma teórica, poderemos afirmar que todas as relações entre escola-família seriam iguais. No entanto, perante a escola algumas famílias, nas palavras de Orwell “*são mais iguais que outras*” (citado por Silva 2014: 406) na medida em que a Escola tem muitas formas de “*deixar as culturas dos alunos à porta*” (Silva, 2003) fazendo-os sentir-se inferiores. Instrui e educa à imagem da cultura dominante, talvez por desconhecimento de novas formas de instruir ou talvez por falta de abertura a epistemologias e pedagogias mais complexas.

Esta falta do devido acompanhamento pela escola, pela família, por ambos, poderá ser motivador do fenómeno da exclusão social, fenómeno, este, cada vez mais premente de tratamento de uma forma processual, preventiva e não meramente resolutiva. Importa perceber qual a aceção do conceito de exclusão social e como é sentida pelos seus protagonistas, pela sociedade em geral e qual o papel do Estado nesta relação. Qual a hermenêutica de si relativamente aos campos de possibilidade (Vieira, 2009) das suas vidas?

Surgem novas formas de pobreza e a exclusão assume diferentes configurações. As dinâmicas sociais em mutação podem ditar a fragilidade social, a assistência ou mesmo a marginalização social.

Nesta investigação foram abordadas quatro histórias de vida: a de um portador de VIH, a de uma trabalhadora do sexo, a de um arrumador de carros (alcoólico) e a de um ex sem-abrigo.

A escolha dos quatro sujeitos não foi aleatória. Pretendeu-se enveredar pelo estudo de diversas realidades a partir de estudos de caso etnográficos e biográficos, a fim de compreender as suas identidades pessoais, motivos da rutura com o sistema social, modo de vida atual, situação económica e perspectivas de futuro. Não era ambicionado encontrar números que nos permitissem chegar a nenhuma conclusão estatística mas, antes, apurar a compreensão da realidade destas vidas, da forma mais fiel à representação de si (Vieira, 2009), e da mais aprofundada possível.

O título é inspirado no que nos parece ser o espelho da vida destes sujeitos: um labirinto onde facilmente se entra mas cuja saída se encontra embaçada e sujeita a uma caminhada difícil e caracterizada pelas mais diversas adversidades.

### **“De perto e de dentro”**

O método escolhido para realizar esta investigação foi o método etnográfico e etnobiográfico (Vieira (1999; Vieira, 2003; Vieira, 2009; Vieira, 2014). Estes permitem a recolha e organização de todos os detalhes recolhidos durante a investigação, in loco e partir do ponto de vista dos sujeitos estudados. Desta forma, o investigador e investigado convivem, pensam-se mutuamente, dialogam sobre isso e estão cientes dos respetivos e mútuos papéis de observadores e participantes nestes contextos de margem. Esta opção foi tomada por se visar captar, através do olhar etnográfico, a dinâmica da urbe na construção de diferentes opções de vida julgadas à margem da sociedade. Considerou-se, assim, o método etnográfico o que melhor nos permitiria conseguir a proximidade necessária do fenómeno bem como a distância intelectual para a reflexão acerca das diferentes perspetivas – *de fora e de longe*.

Atendendo ao método escolhido, o investigador não só compreende a realidade que se propôs investigar como a transmite, de acordo com os seus códigos ou padrões intelectuais, explanando-a à comunidade científica e profissionais da área. De acordo com Merleau-Ponty citado por Magnani (2002) *“trata-se de construir um sistema de referência onde possam encontrar lugar o ponto de vista do indígena, o do civilizado e os erros de um sobre o outro, construir uma experiência alargada que se torne, em princípio, acessível para homens de um outro país e de um outro tempo”*.

Identificamo-nos plenamente com a estratégia de investigação denominada por Magnani (2002:18) como *“de perto e de dentro”* na medida em que o acompanhamento feito com os indivíduos a estudar decorreu em vários contextos da cidade: hospitais; centros de saúde, instituições públicas e nos seus locais de trabalho: na rua, nos mais diversos locais, onde tivemos oportunidade de experienciar o seu dia-a-dia, as suas dificuldades e o seu comportamento. Foi crucial conseguir um posicionamento que permitisse um distanciamento suficiente para obter uma perspetiva abrangente da realidade mas suficientemente próxima para que não nos fizesse perder a perspetiva particularista que se procurava alcançar.

A investigação decorreu na cidade de Leiria (centro). A cidade, no âmbito da investigação, é vista para além do aglomerado de edificações e pessoas que se fixam em determinado local por razões maioritariamente ligadas à proximidade de bens e serviços. As pessoas circulam por entre os pedaços ou manchas (Magnani, 2002), criando os seus próprios trajetos, escolhendo as suas alternativas e os seus mapas sociais. É aí que, atendendo às escolhas feitas, se abrem ou se abandonam os seus campos de possibilidades (Vieira, 2009). Esta investigação consubstancia-se, também, de histórias de vida que os protagonistas procuram esquecer, ruturas que lhes provocaram sofrimento e que os dotaram a uma vida de exclusão. Sentimos necessidade de chegar a elas sem que o indivíduo se sentisse invadido na sua privacidade ou violado na intimidade dos seus sentimentos.

Para esse efeito, adotada uma metodologia de aproximação ao photovoice (Wang e Burris, 1997). Para a implementar, foi solicitado aos investigados que, individualmente, e de acordo com a sua história de vida, ilustrassem três situações: a recordação mais feliz; o que mais gostam no dia-a-dia e qual o seu maior sonho.

Neste estudo procurou-se captar a linguagem quotidiana dos indivíduos a estudar, alcançando o seu discurso, por forma a conseguir criar empatia e confiança que mais tarde permitissem aceder às informações acerca das suas histórias de vida; adotou-se uma posição equitativa, para que fosse permitido, com humildade, situarmos no meio a estudar. Para além disso, mantivemo-nos atentos enquanto ‘aprendentes’ para fosse possível retirar o máximo do aprendizado. No âmbito desta investigação estudámos 4 (quatro) histórias de vida em profundidade.

Certos estamos de que pelos mais positivistas ou adeptos da “quantificação” este estudo poderia ser considerado ferido por falta de rigor representativo. A fim de assegurar a objetividade do estudo levámos a cabo o denominado por Bertaux (Pais, 2001: 375) de processo de saturação da informação (Guerra, 2006:41), afiançando a qualidade da mesma, pela profundidade da investigação realizada ainda que em poucos casos de estudo.

Neste âmbito, cabe ao investigador observar, questionar, a partir do observado e dos discursos partilhados, e problematizar por forma a conseguir captar a realidade a investigar, dando e pensando a voz dos sujeitos. Pretende-se que os dados sejam recolhidos de uma forma direta por meio da observação (participante e não-participante) e que o diálogo entre o investigador e os sujeitos de estudo surja de forma natural e flua como uma conversa em entrevistas etnobiográficas (Vieira, 2003, 2009 e 2014).

Pretendeu-se, desta forma, abordar o passado, presente e futuro destes indivíduos, estimulando o diálogo com o investigador através, também, da arte (fotografia). Sempre se dirá que não foi adotada a técnica do photovoice (Wang e Burris, 1997) de forma ‘pura’ mas num formato adaptado à situação a investigar para que o diálogo fosse mais facilmente alcançado e as questões surgissem de forma natural, através da arte – fotografia – conseguindo também empoderar os indivíduos, consciencializando-os das suas competências a este nível.

Toda a metodologia aplicável às ciências sociais foi tida em conta no âmbito desta investigação mas na escolha dos métodos e técnicas pesou o objeto de estudo e o objetivo da investigação, razão pela qual há uma mescla de métodos e técnicas aplicadas.

Trata-se de uma investigação essencialmente norteada pela paixão de intervir junto de pessoas com maiores dificuldades de integração, ou, nas palavras de K.Popper (in G.Geymonat:186, citado em Nunes, Rosa, 2005:35) *”o que conta não são os métodos e as técnicas, mas uma certa sensibilidade para os problemas e uma paixão ardente por eles; ou, como diziam os gregos, o dom natural de experimentar admiração”*.

## **Vidas labirínticas**

A vida, apesar das diversas adversidades, é feita do conjunto de experiências boas e más que o sujeito atravessa e que acabam por moldar a forma como age e reage às novas oportunidades e opções que se lhe apresentam. De que será que se lembram os quatro sujeitos deste estudo do seu passado? De onde vieram? Como era a sua vida antes de terem sido “destinados” à rua? Terão algum apoio familiar? Ou terá a falta desse apoio sido a origem da rutura?

Após a criação de uma relação de confiança, foram colocadas algumas questões, enquadradas nas conversas, que permitissem a reflexão sobre esta questão. Na maioria dos casos, os sujeitos responderam positivamente tendo relatado factos do seu passado.

Este pequeno exercício fez como que as ligações presente-passado se estabelecessem para que os sujeitos relembressem quem são, de onde vieram, quais eram os seus sonhos e que estão ainda a tempo de (re) construir o seu futuro. Foi aqui que se espelhou a grande mais-valia da investigação ação possibilitada pelo método de aproximação ao photovoice (Wang e Burris, 1997).

Foi possível, ainda, perceber que o seu presente e futuro se encontra ‘assombrado’ pelo que Goffman designa de *teoria do estigma* (citado por Pais,2001). A sua inércia deve-se ao facto se se sentirem diminuídos ou rejeitados face aos demais cidadãos. Nas palavras de Paugam (2003:15) *“A fragilidade corresponde à aprendizagem da desqualificação social [...] têm a sensação de que o fracasso que os oprime é visível por todo o mundo”*.

Esta situação de fragilidade, quando agravada, poderá originar a dependência da assistência social. A experiência da desqualificação social é difícil e altera a visão do mundo, dos outros e de si próprio. Os fenómenos de exclusão, desemprego, ruturas familiares, etc., pelo que pudemos perceber, tendem a suceder-se e, quando ocorrem de forma descontrolada, o sujeito fica facilmente em situação de dependência do sistema social. Todo o tempo em que esperou conseguir um trabalho ou retomar a sua vida tornou-se num motivo para aceitar a dependência do sistema social e com ele manter contactos regulares. Aceita a condição de assistido. Quando, por oposição, após todo este percurso, o indivíduo não aceita esta condição, ocorre a rutura e a marginalização.

As precárias condições de emprego levam, muitas vezes, a um enfraquecimento das relações contratuais e a um decréscimo acentuado dos empregos, o que, por sua vez, aumenta a instabilidade económica e favorece a associação a determinadas formas de exclusão social. Importa, neste caso, distinguir trabalho de emprego. Blanch (1990: 112 citado por Rodrigues et al 1999: 75) define trabalho como *“conjunto de atividades humanas, retribuídas ou não, de carácter produtivo ou criativo que, mediante o uso de técnicas, instrumentos, materiais ou informações disponíveis, permite obter, produzir ou prestar certos bens, produtos e serviços. Nesta atividade, a pessoa fornece energias, habilidades, conhecimentos e outros recursos e obtém algum tipo de compensação, material, psicológica e/ou social”*.

Distinta será a definição de emprego. Esta assenta, fundamentalmente, sobre na *“legitimação de uma atividade de trabalho através de uma relação contratual constituída entre duas partes”* (Andrade, 1989 citado por Rodrigues et al, 1999:74). Podemos concluir que a característica distintiva do trabalho e emprego

será não o conteúdo das tarefas realizadas mas o regime contratual sob o qual estas são desempenhadas. Sempre se dirá que emprego será caracterizado como trabalho remunerado levado a cabo sob determinadas condições.

De acordo com o referido anteriormente, os sujeitos votados ao desemprego voltam-se para os trabalhos que lhes são possíveis, mormente no local onde passam grande parte do seu tempo: a rua. Trata-se de trabalhos precários (arrumadores de carros; trabalhadoras do sexo) ou por vezes até ilegais (tráfico de drogas, pequenos furtos).

Lutam diariamente pela sua sobrevivência e, uma vez sem trabalho, por opção ou não, lançam mão do que têm ao seu alcance para poderem realizar algum dinheiro que lhes permita a sobrevivência ou a satisfação do vício, pequenos trabalhos designados por Machado Pais (2001) como *“Ganchos, tachos e biscates”*.

De acordo com Gooffman (1988:148) *“o normal e o estigmatizado não são pessoas, mas sim perspectivas que são geradas em situações sociais”*. Isto é, o estigma é visível pelos olhos dos que se consideram *“normais”* e leva a um afastamento dos demais. Esta discriminação poderá ser de tal forma violenta que o próprio indivíduo a reconheça em si e se identifique com ela. A exclusão social poderá, assim, ser considerada desde o início do processo de marginalização (Rodrigues et al, 1999:64-65). Para além das dificuldades de integração, enfrentam também a incapacidade de superar o processo de etiquetagem que as identifica como desfavorecidas.

Segundo Costa (2001:10), a mobilização do conceito de exclusão social teria sido para substituir o termo pobreza. Sucede que, segundo o mesmo autor, *“Pobreza e exclusão social são [...] realidades distintas e que nem sempre coexistem”* já que considera que pode haver exclusão social antes do *“fim da linha”* (Vieira, 2013).

Em suma, a exclusão social configura assim um *“fenómeno multidimensional, como um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído. Coexistem ao nível da exclusão, fenómenos sociais diferenciados, tais como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros”*. (Rodrigues et al, 1999: 64-65).

Como podemos viver tolerando isto? Ou será a tolerância o caminho? Na senda de Vieira, concordamos que a tolerância não basta! Não basta ignorar quem necessita de ajuda, quem se encontra desajustado socialmente. *“Se se tolera a intolerância, aceita-se a injustiça”* (Vieira 2011:102).

A perceção do quanto o estigma era sentido pelos sujeitos em estudo e, em consequência, elemento marginalizador, despoletou em nós ainda mais a vontade de prosseguir com esta pesquisa, tornando-a próxima de uma investigação-ação, traduzindo aquilo que Machado Pais designa como *“olhar de frente para o que se olha de lado”* (Pais, 2001: 241), para que, *a posteriori*, se possa sustentar o mediador social e intercultural enquanto empoderador e potenciador de novos laços de transformação social (Vieira, A. e Vieira, R., 2016).

Para além de ser uma fonte de rendimentos, o trabalho é também a dimensão que concede ao indivíduo um estatuto e identidade pessoal que interfere com a sua vida em sociedade: *“O exercício de uma atividade profissional impede uma situação de exclusão social [...], proporcionando ao indivíduo um contexto de vida normativo”*. (Negreiros e Magalhães, 2005:11 citado por Margarido et al, 2011:21).

### **Intervenção social mediadora**

A mediação surge enquanto processo fundamental para a (re)estruturação de laços e auxílio na criação de projetos de vida. *“Mediar e intervir”* procura situar esta investigação no âmago fundamental do da Mediação Intercultural e Intervenção Social. Centrám-nos nos processos de mediação intercultural que, de acordo com Gimenez (2010); Vieira, A. (2013); Torremorel (2008); Cohen-Emerique (2011), Vieira e Vieira (2013), Vieira



e Vieira, (2016), entre outros, se focam mais na prevenção, transformação e educação e portanto numa mediação como cultura social do que, particularmente, na intervenção resolutiva ou paliativa do final de linha. Estamos, nesta esteira, perante a ideia de que *“falar de cultura de mediação significa manter uma visão ampla dos processos mediadores, que, frequentemente, têm sido reduzidos a uma simples técnica de gestão ou resolução de conflitos”* Torremorell (2008: 9).

É nesta (re) construção da identidade que entendemos que deve ser trabalhada a autonomização do sujeito. Como tivemos oportunidade perceber, cada um destes sujeitos necessita do seu tempo e espaço para (re) pensar, delinear e implementar o seu projeto de vida. Outros haverá que, pelas mais diversas razões, não colocam sequer essa possibilidade.

Mediar, significa *“estar entre”*, estar dentro de determinada situação, compreender, mas, ao mesmo tempo, ter a distância necessária para compreender, ver com clareza, possibilitando *“estar dentro e estar fora”* (Vieira, 2011) da temática sobre a qual nos debruçamos para conhecer e compreender sistemas culturais distintos. Quer isto significar que a mediação sociocultural não se esgota com a simples transmissão de informação, cultura ou conhecimento. O objetivo da mediação sociocultural que aqui defendemos passa por criar um *“terceiro lugar”* e não por tentar transmitir cultura do lugar I para o lugar II, ou vice-versa, (Vieira, 2013). Um terceiro lugar constituído por cultura(s), valores, informações e conhecimento de ambos, criando pontes e estabelecendo ligações de modo a evitar os conflitos – mediação preventiva - ou gerir e procurar resolução para conflitos existentes – mediação resolutiva.

No âmbito da mediação preventiva, o mediador sociocultural apresenta-se como um facilitador de comunicação, ou tradutor, se assim quisermos chamar, que tentará apresentar sugestões de intervenção para que a vivência em sociedade não gere conflitos de convivência ou sejam, pelo menos, em menor número.





Conforme já se mencionou, anteriormente, toda a convivência é, também, inevitavelmente, geradora de tensões e conflitos. Este facto não tem de ser forçosamente encarado como algo negativo. O conflito deverá até ser considerado como um *“motor”* de mudança, como oportunidade de fazer diferente, de mudar hábitos. De acordo com Torremorell (2008: 68) *“... as situações conflituosas aproximam as pessoas de uma escalada de tensão secretismo, suspeita, desconfiança, falta de comunicação, posicionamento, rotulação, crise... que conduzem à inimizade baseada num raciocínio binário que não concebe a possibilidade de reunião com a alteridade”*. Por isso, a nossa conceção de mediação é tudo menos a um posicionamento neutro face às perspetivas dos atores em tensão. A mediação poderá, assim, assumir um papel criativo. Segundo Margalit Cohen Emerique (2011), a mediação será criativa, na medida em que se apresente como fenómeno de transformação do social, de condutas ou códigos sociais em que se baseiem as novas relações entre as partes. Neste posicionamento, o mediador conseguirá auxiliar os *“mediados”*, proporcionando uma aprendizagem quer resolutiva quer preventiva de conflitos. Importa também planear e executar políticas que permitam e fomentem as trocas culturais, não numa ótica de reducionismo, de permissão, de favor, mas, de igual para igual, sem hierarquias de culturas dominantes e dominadas.

Apesar de dotado de um espírito pessoal que o capacite para o exercício da mediação, o mediador deverá ser provido de valores comuns como a honestidade, multiparcialidade (Torremorell, 2008; Vieira, A. e Vieira, R., 2016), respeito, dignidade e compromisso ético multicultural (Vieira, A. e Vieira, R., 2016). A assunção de uma postura humilde, de escuta ativa, de diálogo e de auxílio às partes no encontro da solução para os problemas e conflitos, de empowerment, bem como de responsabilização pelo compromisso assumido, é crucial para o mediador. Para além da sua função preventiva, a mediação assume, no contexto intercultural, uma função transformadora das relações entre pessoas e entre culturas: *“Substituir a cultura de confrontação e do litígio pela da mediação e do consenso vai de encontro aos ideais de paz, que infelizmente, se materializam com demasiada lentidão”* Torremorell (2008: 76).





## **Apresentação e discussão de resultados**

Dadas as limitações de espaço que, naturalmente, este tipo de texto nos levanta para darmos conta de toda a investigação, apresentamos, de seguida, através de quadros, a síntese dos discursos dos sujeitos estudados, acompanhados pelas imagens captadas pelos mesmos, e que melhor parecem retratar essa fase da sua vida.



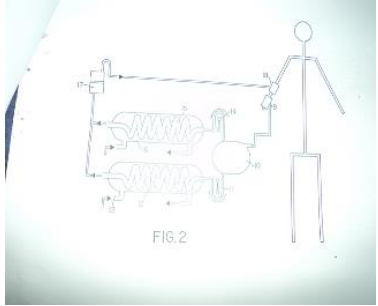

**Passado: As minhas melhores recordações...**

Sujeito	Vozes	Fotografia
António	<p><i>“A recordação, porque eu tiro uma fotografia ao castelo porque eu tenho grandes recordações do castelo de S. Jorge em Lisboa”.</i></p> <p><i>“Mas tem a ver, para mim tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar. Foi no rio Tejo que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curti a vida, a minha juventude”.</i></p>	
Eliseu	<p><i>“... Onde estive, tratava dos animais... e era ao ar livre [...]Prontos, eu gostava. Gostava e gosto da natureza”.</i></p>	
Fonseca	<p><i>“É esta da minha Santinha. Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho[...]Ponho uma pela minha afilhada I. que morreu com paralisia cerebral e também tinha epilepsia como eu.</i></p>	
Maria	<p><i>“Eu nunca fui feliz...[...]Não tenho nenhuma recordação feliz [...]”</i></p> <p><i>“Nesta estão todos agarrados. É uma família feliz. Gosto desta porque me faz lembrar da altura em que fui feliz com o meu ex-marido e os meus filhos. Éramos uma família”.</i></p>	

**Presente: O que mais gosto nos meus dias...**

Sujeito	Vozes	Fotografia
António	<p><i>“Eu gosto muito de ler. Foi ela (E.) que me tirou porque eu gosto muito de ler.[...] O que eu gosto mais nos meus dias é ler, é estar assentado a ver um filme, ou um programa de televisão.</i></p> <p><i>“Preciso do dinheiro para sobreviver. Não é o gostar. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali...”.</i></p>	
Eliseu	<p><i>” [...]o ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais[...] passear no mato [...] as cascatas, principalmente junto ao rio marcando território à volta do centro (de acolhimento)[...]Escolhi a escola para tirar o nono ano[...]Três anos mas é, prontos, vai demorar esse tempo porque é na escola, porque se fosse só o curso...era só um ano e meio”.</i></p> <p><i>“Algum dia tinha de me levantar não é só cair!”</i></p>	
Fonseca	<p><i>“Sim, está controlado, já não aparece no teste há 10 anos. Já sou acompanhado em Coimbra há 32 anos”. “Ela (mãe) toma conta de mim e eu tomo conta dela”.</i></p> <p><i>“A minha mãe sabe que sou homossexual mas não sabe que tenho o VIH.”</i></p> <p><i>“Ando a preparar a minha mãe [...] ela já tem uma certa idade e há coisas que não percebe tão bem”.</i></p>	
Maria	<p><i>Já... quer dizer, estou na vida há muito tempo... Agora começo a ter (medo), mas não tinha... ninguém me fazia mal!”</i></p> <p><i>“É muito inteligente, sabe tudo! Sabe os aniversários de toda a gente![...] Nós damos-lhe tudo!”</i></p>	

**Futuro: O meu maior sonho é...**

Sujeito	Vozes	Fotografia
António	<p><i>“É o que eu gostava de ter no futuro. Era uma vivenda, tipo esta. Também é muita bonita”.</i></p> <p><i>“Mas... mudar de vida, nunca vou mudar. Com 60 anos? Vou ficar a arrumar carros até já não poder com as pernas. Mesmo que tenha uma reforma já viste de quanto vai ser? Vou ter de continuar a arrumar até não conseguir mais”.</i></p>	
Eliseu	<p><i>“Eu, na família primeiro. Isso depois a casa arranja-se [...] Ah pois. Então um filho, pois. Uma sementezinha... mais não digo, porque também está difícil a vida não? E depois trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Assim, com um filho ainda se tolera e ainda se aguenta e coiso. Depende também de como corre a vida, não é?”</i></p>	
Fonseca	<p><i>“O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Faz uma limpeza ao sangue e com os retrovirais (anti-retrovirais) temos de ir de 6 em 6 meses a Coimbra [...] Isto já está tudo pensado, nesta cabeça não escapa nada!”</i></p> <p><i>“Quero ficar com a minha mãe até morrer. Dou-me otimamente com a minha mãe e quero ficar na casa da minha mãe”</i></p>	
Maria	<p><i>“O que eu queria mesmo era estar com o meu menino e dar-lhe tudo que ele quisesse. Ter uma casa para podermos estar os dois à vontade”.</i></p>	

Há um denominador comum a todas as histórias, aqui apresentadas de forma muito sintética. Uma vez entrados nesta dinâmica da exclusão social, é necessária uma enorme força para dela sair. Abandonam-se sonhos, esquecem-se passados distantes, pessoas queridas. Para sobreviver, para não doer (Pais, 2006: 69). Procura-se a única satisfação que se poderá ter: a momentânea, pontual e rápida, a oferecida pelo vício. Aquela que não cobra, que não fala, que não exige, mas que, por outro lado, os torna escravos, os transforma, rouba vidas, rouba sorrisos, sonhos e sugere o gosto pela solidão.

Fonseca optou por ficar ao lado da pessoa que mais ama no mundo, a sua mãe. Continua a lutar pelos seus direitos a pensar no seu futuro e salvaguardá-lo.

Maria encara o seu futuro com reservas, adiando pensar nisso. Não sabe o que vai ser de si. Sente-se desamparada. Não tem família perto de si nem projetos de vida idealizados. Foca-se apenas num trajeto de vida que não foi fácil e justifica a sua ausência de projetos futuros com esse facto. Os problemas psicológicos que alega ter e a falta de acompanhamento que nos apercebemos que tem, para além da falta de medicação (que não compra por falta de dinheiro), e a desregulação na toma da mesma, não tornam a sua situação mais fácil. A solidão e a falta de apoio, numa mulher extremamente fragilizada pelos constantes abusos e historial de violência, fazem com que não consiga pensar num projeto de vida para si.

António, apesar de reconhecer que a idade já ‘pesa’, esclarece que a experiência é também muita. Homem de muitos ofícios arruma carros há 14 anos por necessidade económica e sempre que tem oportunidade, ‘sai do parque’ para ‘um biscate’. António é, também, artesão. Por várias vezes tentou economizar para comprar pele de vitela e fazer as suas peças de artesanato. Nunca conseguiu. O vício falou sempre mais alto e o dinheiro foi gasto em álcool. António, apesar de durante a sua vida ter consumido vários tipos de droga (iniciou-se aos 14 anos) hoje consome álcool e haxixe (esporadicamente), não obstante ter uma doença grave no fígado que o deveria impedir de beber. Fica a motivação diária para arrumar carros todos os dias (Pais, 2001: 259).

António não perde a vontade de voltar a tentar a sua sorte a fazer artesanato e vendê-lo como fez outrora no Algarve, na Nazaré, em Leiria e até em Espanha. Internamente sente-se capaz de enfrentar o futuro. Sabe, no entanto, que, considerando o seu passado e o seu historial, o seu futuro passará por continuar a arrumar carros até ao fim dos seus dias.

Eliseu tem um projeto de futuro bem definido. Apesar dos maus tratos sofridos num internato onde esteve até aos 14 anos e de ter fugido de casa por se ter sentido rejeitado pela mãe, não gosta de lembrar do passado “*Isso já lá vai*”. Foi “sem-abrigo” mas nunca se resignou a essa condição. Procurou ajuda em centros de acolhimento para fazer as suas refeições e a sua higiene pessoal até encontrar uma casa onde pudesse ficar. Aconteceu primeiro na sua cidade natal, o Entroncamento. Depois em Leiria. Procurou Leiria para refazer a sua vida, após um período na rua, encontrou um quarto para onde foi viver. Para conseguir fazer face às despesas, Eliseu arrumava carros nos parques da cidade e foi assim que travámos conhecimento com ele. Por não se identificar com os colegas de casa (todos toxicodependentes) Eliseu decidiu mudar de casa. Hoje, encontra-se com um projeto de futuro definido que passa por ter uma profissão (Jardineiro), terminar o 9.º ano e constituir uma família. Encontra-se, de momento, a frequentar o curso que lhe confere a qualificação profissional de jardineiro e lhe permite exercer uma profissão e posteriormente constituir a família que tanto quer. Eliseu, apesar de não ter as melhores referências de uma família, já que o seu pai morreu quando ele foi para a instituição com 4 anos e a sua avó, de quem muito gostava, já faleceu e não tem ligação com a sua mãe, pretende ter uma família. Por outro lado, Eliseu foi “sem abrigo”, viveu com toxicodependentes, teve sempre contacto com esta realidade do vício e nunca se deixou influenciar por tal.

Ao analisarmos estas quatro histórias, há um elemento comum; a violência. Tende-se, tantas vezes, a analisar as qualificações dos indivíduos, a sua proveniência, idades, género, etc., mas, por vezes, descarta-se o elemento emocional e a forma de pensar destes sujeitos bem como a forma como subjetivaram os episódios marcantes das suas histórias de vida.

Todos, sem exceção, referiram a violência nos seus discursos, alguns usaram a mesma expressão: “*porrada*”. Acreditamos que violência gera violência. Embora não incentivada, a convivência num ambiente hostil deixa marcas profundas que se poderão revelar a qualquer altura. Neste momento, os investigados cujos traços de violência surgem com maior evidência são o António e o Fonseca. Parecem ter assimilado tudo o que passaram, viram e ouviram no passado, e hoje são pessoas algo revoltadas que à primeira oportunidade revelam traços de violência.

A solidão em algum momento da vida destes indivíduos é também um traço comum aos 4 sujeitos. Eliseu continua a sentir-se bem sozinho, no seu canto, embora o seu objetivo seja constituir família e deixar de estar sozinho no mundo, no seu mundo (Pais, 2006: 19). Prepara-se para deixar entrar alguém nesse seu espaço, vedado por muitos anos.

Maria vive uma situação de solidão dramática. Longe da família e dos filhos vê-se sem apoio e sem estabilidade quer económica quer emocional.

António, apesar de acompanhado ocasionalmente, percebe com facilidade que os seus amigos são os amigos de ocasião, os amigos do vício que não lhe permitem criar ligações profundas de amizade que lhe transmitam qualquer tipo de estabilidade.

Fonseca considerar-se-á o único caso em que a solidão poderá não ser uma constante na sua vida mas assume que foi coisa que esteve muito presente no seu passado.

A estabilidade é também algo que nenhum dos quatro investigados parece ter encontrado nas suas vidas. Exceção para Eliseu que encontrou, finalmente, um rumo para a sua vida e que projeta os seus objetivos a curto e a longo prazo. Os demais vivem o dia-a-dia, sem grande intensidade ao sabor do que lhes é permitido alcançar com o dinheiro e o modo de vida atual.

A questão da estabilidade está diretamente relacionada com o compromisso. Nenhum deles parece querer assumir algum compromisso na vida. Tirando o caso de Eliseu, todos são solteiros. Maria e António têm filhos mas continuam a viver a sua vida como se solteiros fossem, desresponsabilizando-se completamente da educação e acompanhamento dos mesmos. Eliseu assumiu, recentemente, o compromisso de fazer o curso e encontra-se a cumpri-lo.

Todos os sujeitos evidenciaram um percurso académico curto. Fonseca é o indivíduo que tem maior escolaridade: 9.º ano de escolaridade concluído. Todos os outros acabaram por ter percursos escolares curtos ou até inexistentes, como é o caso de Maria. Esta questão poderá estar diretamente relacionada com o facto de terem sido ‘obrigados’ a trabalhar para ajudar nas despesas de casa, porque não se identificavam com a escola e o seu comportamento demonstrava isso mesmo (António), ou, ainda, porque o estigma de ter reprovado muitas vezes os impedia de serem considerados alunos regulares e fabricava o medo das atitudes dos seus pares, como é o caso do Eliseu. A conjugação destes fatores ditou o afastamento da escola, motivado também pela falta de apoio da família e do diálogo entre a escola, a família e a comunidade. Hoje, encontram-se restringidos nas atividades que podem realizar devido a esse facto. Para a maior parte, voltar a estudar não é projeto nem possibilidade. Exceção para o Eliseu para quem o regresso à escola está a ser o ponto de partida para um novo futuro, uma nova vida.

Questionados acerca de novos campos de possibilidades (Vieira, 2009), de projetos para o futuro em termos de trabalho, uns não apresentam – passividade – outros, curiosamente, demonstram vontade de desenvolver a mesma atividade – Jardinagem. Esta escolha parece estar associada ao facto de poderem desenvolver a atividade não confinados a um espaço fechado, e ditado pelos outros, mas, antes, ao seu próprio espaço – a rua – livres, a fazer algo que gostam (natureza) e, ao mesmo tempo, a rentabilizarem essa atividade.

Conforme já referido, a maioria dos investigados encontra-se num estado de passividade em termos de querer um futuro diferente do passado. De acordo com Paugam (2003:17) assumem a qualidade de assistidos, reivindicando as prestações, nada fazendo para mudar a sua posição. Sobrevivem. Machado Pais estudou casos

idênticos relativamente a arrumadores de carros toxicodependentes (2001: 258). Devido à sua situação, todos são potenciais alvos de discriminação mas apenas Maria e Fonseca reconhecem que o são (Goffman, 1981: 44). A sua atitude sugere que ambos sentem essa discriminação e a procuram nos rostos dos outros. Parece que a discriminação começa no interior de quem a sente.

No âmbito da criação dos projetos de futuro, parece que os sujeitos que têm mais fé são os que apresentam projetos de futuro mais delineados e relações consigo próprios e com os outros mais estruturadas como é o caso do Eliseu e do Fonseca. Talvez a ligação com a esperança e com o ‘o que de bom ainda está para chegar’ tenha feito estes sujeitos acreditar que, não importa o quão fácil seja cair e difícil levantar, eles vão conseguir fazê-lo.

A situação em que se encontram poderia levar à descrença total em ‘algo/alguém’ que os protegesse, superiormente, e os acompanhasse no seu percurso, já que não vivem um momento fácil nem feliz. Aparentemente e até algo surpreendentemente, isso não abalou a sua crença e é com base nessa esperança que todos os dias se levantam e perseguem os seus objetivos.

Em suma, todos os sujeitos investigados foram objeto de uma rutura familiar que se manifestou nuns casos mais cedo noutros mais tarde mas que a todos viria a deixar marcas profundas que se manifestariam durante toda a vida e influenciariam todas as suas relações e modos de viver. Foi essa a rutura que os fez desacreditar na vida, na união, no compromisso. Tornou-os pessoas desconfiadas e pouco recetivas à mudança. Preferem ter pouco e viver o dia-adia do que confiar, partilhar e acreditar em alguém que lhes possa fazer voltar a viver o que de mais traumático viveram no passado (Pais, 2006: 69).

## **Em busca de conclusões**

Procurámos, com o presente trabalho, encurtar a distância que, de forma estereotipada, na generalidade das vezes, se pensa existir entre “nós” e “eles”. Na verdade, vários locais desta cidade foram revisitados, vistos com outras lentes e tornaram-se diferentes do que “todos já sabemos como é” (Pais, 2006: 23). Compreendemos a exclusão não apenas como um processo sociológico e merecedor de estudo mas, também, como um fenómeno psicossociocultural duro e um obstáculo difícil de transpor para quem se encontra fragilizado.

Pudemos concluir que, em muitos dos casos, esta começa a ser uma vida de opção, já que a vida dota a rua com todos aqueles que são objeto de rutura e no imediato não têm condições de obter outro meio de subsistir. Por outro lado, o tempo que demoram a lidar com a situação traumática, que pode não ter ainda terminado, ditará o tempo que continuarão como ‘assistidos’, isto é, dependentes do sistema de proteção social, ou, em caso de revolta extrema, a tornarem-se marginais. Neste caso, na falta de campos de possibilidades, esta trajetória acaba por ser, efetivamente, uma opção de vida.

Certos estamos de que este trabalho não apresenta respostas conclusivas acerca do fenómeno da exclusão social e das vertentes de trabalho e outras a ela associadas. Mas cremos que nos permite abrir caminhos de reflexão bem como novas formas de abordar e estudar estas temáticas. Não se pretendeu generalizar os percursos vividos por estas quatro pessoas. Nem, tampouco, estender os seus projetos de futuro (ou a falta deles) a todos quantos vivem esta realidade mas, antes, captar as especificidades dos casos em análise e mostrar de que forma é gerido o seu apego ao passado, o seu dia-a-dia, e como são vistos os projetos para o futuro.

O mediador assume, neste processo, um papel fundamental, se pretendermos intervir socialmente nestes contextos, de uma forma, holística, etnográfica e fenomenológica. Ele é um potencial criador de laços e o empoderador dos sujeitos para a (trans)formação (Vieira, A. e Vieira, R., 2016). É o mediador social, com uma epistemologia intercultural, que poderá possibilitar que o indivíduo perceba e acredite que tem capacidade e um papel fundamental para alterar a sua própria trajetória de vida.

Nesta medida é desejável a atuação de um mediador intercultural em associações ou municípios cuja taxa de utentes assistidos seja elevada. A sua atuação seria valiosa no sentido de empoderar os utentes dotando-os das capacidades julgadas perdidas, restabelecendo a sua vida e, evitando, assim, os apoios sociais no sentido assistencialista (Vieira, R. e Vieira, A., 2016).

Avaliamos positivamente o impacto da investigação-ação nos quatro casos objeto de estudo. Todos, sem exceção, relembraram as suas experiências passadas, valorizando-as. Todos já foram diferentes, e hoje são a construção dinâmica e flexível que se encontra em constante metamorfose (Vieira, 2009). Paralelamente à etnografia que foi sendo realizada, a interação e a intervenção mediadora foi criando sonhos e projetos de mudança, pelo que a etnografia se foi transformando, assim, numa investigação ativa (Amado, 2014). Esta investigação pretende dar testemunho das trajetórias de vida e dos projetos de vida destas quatro pessoas que, apesar de labirínticos, são repletos de experiências extremamente valiosas e que urge conhecer para saber intervir.

## Referências

- Amado, João (coord.). (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cohen-Emerique, Margalit (2011). *Pour une approche interculturelle en travail social -Théories et Pratiques*, Rennes: Presses de l'EHESP.
- Giménez ROMERO, C. (2010). *Mediação Intercultural*, Lisboa: ACIDI.
- Goffman, Erving.(1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Guerra, Isabel (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Princípia.
- Magnani, José Guilherme Cantor (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, *RBCS* Vol. 17 n.º 49 junho/2002.
- Margarido, Cristóvão; Grilo, Patrícia; Vieira, Ricardo; Costa, Rogério (Eds.) (2011). *A Dinâmica das Organizações Não Governamentais de Solidariedade Social no Distrito de Leiria*, Leiria: Folheto, EAPN Portugal/Núcleo Distrital de Leiria e CIID-IPL.
- Nunes, Rosa Soares (2005). *Nada sobre nós, sem nós: a centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos*. São Paulo: Cortez.
- Pais, José Machado (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto: Ambar.
- Pais, José Machado (2006). *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*, Porto: Ambar.
- Paugam, Serge (2003). *A desqualificação Social. Ensaio sobre a nova pobreza*, Porto: Porto Editora.
- Silva, Pedro (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada. Interculturalidade e Relações de Poder*, Porto: Edições Afrontamento.
- Rodrigues, Eduardo Vítor; Samagaio, Florbela Maria da Silva; Ferreira, Hélder; Mendes, Maria Manuela Ferreira; Januário, Susana Paula Carvalho (1999). A pobreza e a exclusão social: teorias conceitos e políticas sociais em Portugal, *Sociologia*, Revista da Faculdade de Letras a Universidade do Porto, 09, p. 63-101.
- Torremorrell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto editora.
- Vieira, Ricardo (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*, Porto: Edições Afrontamento.



- Vieira, Ricardo (2009). *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*, Lisboa: Colibri.
- Vieira, R. (2003). “Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos”, in Caria, Telmo (Org.) (2003). *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 77-96.
- Vieira, R. (2014). Life Stories, Cultural Métissage and Personal Identities in *SAGE Open*, Jan 2014, 4(1), pp. 1-13. The online version of this article can be found at: <http://sgo.sagepub.com/content/4/1/2158244013517241>.
- Vieira, Ana (2013). *Educação Social e Mediação sociocultural*, Porto: Profedições.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*, Porto: Profedições.
- Vieira, R. e Vieira, A. (2016). “Mediação sociocultural: conceitos e contextos” In Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A. e Margarido, C. (Orgs.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*, Porto: Afrontamento.
- Vieira, A., Vieira, R. (2013). Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural, *A Página da Educação*, Extra. Sér. 34-35.
- Wang, Caroline; Burris, Mary Ann (1997). Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment, *Health Education & Behavior*, June 1997.